

FLORÍSTICA DE UM TRECHO DE FLORESTA INUNDAVEL NA RESTINGA DA MARAMBAIA, RIO DE JANEIRO, RJ.

Alexandre dos Santos Medeiros¹ (alerura_floresta@yahoo.com.br), Pedro Guillon Ervilha², Luis Fernando Tavares Menezes³ Marco & Gervásio Pereira⁴

1, 2-Graduando em Engenharia Florestal.

3- Departamento de Botânica/ Instituto de Biologia/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

4- Departamento de Solos/ Instituto de Agronomia/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Introdução

Estudos em florestas inundadas ou inundáveis das regiões tropicais têm apontado uma composição florística particular, como as encontradas nos igapós e várzeas amazônicos, no pantanal mato-grossense, e nas florestas ciliares do Brasil central (Scarano *et al.* 1998). Áreas inundadas ou passíveis de inundação apresentam um rápido decréscimo da quantidade de oxigênio disponível no solo, afetando não somente o processo respiratório de raízes e microrganismos como também as características físico-químicas edáficas. Assim, a inundação em sistemas florestais geralmente influencia na diversidade de espécies e aquelas que são dominantes em florestas que sofrem inundação podem não ocorrer nas áreas mais secas (Lobo & Joly, 2000).

Na zona costeira encontramos formações vegetais que sofrem influência da variação do nível do lençol freático, podendo estar inundadas permanentemente ou temporariamente, de acordo com o regime de chuvas e as características topográficas do terreno. Este estudo tem como objetivo caracterizar floristicamente um trecho da formação florestal inundável da Restinga da Marambaia.

Materiais e métodos.

A Restinga da Marambaia, com aproximadamente 49,40km², localiza-se no estado do Rio de Janeiro, fazendo parte dos municípios do Rio de Janeiro, Itaguaí e Mangaratiba. A floresta estudada situa-se na porção oeste da restinga entre o cordão arenoso interno e externo.

No levantamento florístico foram alocadas 25 parcelas de 10x10m (Mueller-Dombois & Ellenberg, 1974) em regiões com diferentes níveis de saturação hídrica do solo. Foram incluídos no censo todos os indivíduos arbóreos ou arbustivos com diâmetro a altura do peito (DAP) maior ou igual a 2,5cm. Simultaneamente, foram coletadas amostras para herborização e incorporação ao acervo do herbário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RBR), e a sua identificação foi feita com o auxílio da literatura clássica, determinação de especialistas e comparações com exsicatas do RBR e da coleção do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB).

Resultados e Discussão

Durante o período de estudo (dezembro de 2004 a agosto de 2005) o lençol freático esteve aflorante, sendo os meses de fevereiro e março o período de maior alagamento, atingindo 70cm acima do solo. Nessa região o solo apresenta uma quantidade de matéria orgânica que pode atingir mais de 40cm de profundidade.

Foram amostrados 558 indivíduos, pertencentes a 25 espécies, 22 gêneros e 15 famílias. Pelo menos cinco espécies ocorrentes neste levantamento também foram amostradas em florestas inundadas entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul: *Psidium cattleyanum*, *Calophyllum brasiliense*, *Alchornea triplinervia*, *Pera glabrata*, *Andira fraxinifolia* (Menezes & Araujo, dados não publicados). *Tapirira guianensis*, *Pera glabrata*, *Amaioua intermedia* podem ser consideradas como generalistas, pois também ocorrem em outras formações vegetais de restinga que não sofrem alagamento (Araujo *et al.* 1998; Pereira 1990; Assis *et al.* 2004), indicando tolerância por ocorrerem também em ambientes com alto grau de saturação hídrica do solo. Algumas dessas espécies (*Tapirira guianensis* e *Calophyllum brasiliense*) são reconhecidamente tolerantes a ambientes sob condições estressantes causadas pela inundação do solo, tendo sido amostradas em 48% do total de 43 levantamentos florísticos e fitossociológicos de florestas ciliares do Brasil extra amazônico (Oliveira-Filho & Ratter 2000).

As famílias com maior riqueza específica foram Myrtaceae (5), Euphorbiaceae (4), Rubiaceae, Moraceae e Annonaceae (2). As demais famílias (Clusiaceae, Melastomataceae, Anacardiaceae, Apocynaceae,

Bignoniaceae, Leguminosae, Cecropiaceae, Sapindaceae, Ebenaceae e Chloranthaceae foram representadas por apenas uma espécie.

O desenvolvimento de estudo em novas áreas com diferentes regimes de alagamento do solo na restinga da Marambaia trará novas informações a cerca das espécies ocorrentes nestes tipos de ambientes o que permitira o desenvolvimento de estratégias para sua conservação.

Bibliografia

SCARANO, F.R.; RIOS, R.I. & ESTEVES, F.A. 1998. Tree species richness, diversity and flooding regime: case studies of recuperation after anthropic impact in brazilian flood-prone forests. **International Journal of Ecology and Environmental Sciences** **24**: 223-235

LOBO, P.C. & JOLY, C.A. 2000. Aspectos ecofisiológicos da vegetação da mata ciliar do sudeste do Brasil. Pp. 143-147. In. R.R. RODRIGUES & H.F. LEITÃO FILHO (eds). **Matas ciliares: conservação e recuperação**. Universidade de São Paulo. São Paulo.

PEREIRA, O.J.; BORGIO, J.H.; RODRIGUES, I.D.; ASSIS, A. M. 2000. Composição florística de uma floresta de restinga no município de Serra-ES. Pp. 72-83. In: **V Simpósio de Ecossistemas Brasileiros: Conservação**. ACIESP, V. 3. Vitória.

OLIVEIRA-FILHO, A.T. & RATTE, J.A. 2000. Padrões florísticos das matas ciliares da região do cerrado e a evolução das paisagens do Brasil central durante o Quaternário tardio. Pp. 73-89. In. R. R. RODRIGUES & H.F. LEITÃO-FILHO (eds). **Matas ciliares: Conservação e recuperação**. Universidade de São Paulo, São Paulo.

